**Psicopatologia das organizações**

Por José M. Castro Caldas

Thorstein Veblen o economista institucionalista norte-americano que em finais do século XIX escreveu a Teoria da Classe Ociosa, acreditava, sob a influência de Darwin, que a espécie humana, não era dotada de uma “natureza” fixa e determinada, mas que, como todas as espécies, evoluía. Contudo, a evolução humana para Veblen não dependia apenas da interação dos seres humanos com o mundo natural. Era influenciada pelas instituições sociais. Isto é, as instituições sociais participavam da seleção de padrões comportamentais e traços de caracter individuais, promovendo uns e reprimindo (ver suprimindo) outros.

Dito desta forma, este evolucionismo parece vago, especulativo, e até suspeitamente conotado com um darwinismo social que temos boas razões para descartar. Mas o certo é que há tempos, quando li um pequeno artigo sobre psicopatas organizacionais (corporate) e o papel que podem ter desempenhado na criação de condições propícias para a crise financeira, foi de Veblen e do seu evolucionismo que me lembrei.

Psicopatas, explica-nos o autor do artigo, “são pessoas que, talvez devido a fatores físicos relacionados com uma conectividade e química cerebral anormal, especialmente na área da amígdala e córtex frontal orbital/ventrolateral carecem de consciência, têm poucas emoções e exibem incapacidade de experimentar sentimentos, simpatia ou empatia por outras pessoas”. No interior das organizações, os psicopatas – os psicopatas organizacionais , psicopatas executivos, ou sociopatas organizacionais, como também são designados na literatura no campo de investigação em expansão a que pertence este artigo – embora possam aparentar suavidade, encanto e sofisticação e ser bem sucedidos, “ manipulam impiedosamente os outros, sem consciência, para realizar os seus propósitos e objetivos”, podendo a prazo tornar-se letais para as organizações.

O ponto importante deste artigo, e da investigação empírica em que se baseia, é que em organizações sujeitas a fortes pressões competitivas os mecanismos de seleção internos tendem a favorecer traços comportamentais característicos dos psicopatas ou sociopatas. O trabalho empírico dos psicólogos parece mostrar que é mais fácil encontrar um psicopata no topo de uma organização do que na sua base ou mesmo numa prisão de alta segurança.

De resto, lembro-me de ter lido noutro artigo que já não consigo localizar, que os critérios de seleção de dirigentes de topo usados por algumas empresas que se dedicam ao recrutamento de pessoal se assemelham de perto aos critérios de diagnóstico da psicopatia. A ser verdade, isto significaria que os encantadores psicopatas não só vivem bem e prosperam nos infernos organizacionais em que se estão a converter muitos locais de trabalho, como são ativamente procurados para as posições de topo.

Não sei se é a química e a conectividade cerebral o que determina o comportamento dos psicopatas, ou se se são as condições institucionais das organizações competitivas que modificam a química e a conectividade cerebral de algumas pessoas, transformando-as em psicopatas. O que me parece certo é que as condições prevalecentes nas organizações “competitivas”, trazem ao de cima o que de pior existe em todos nós, e transportam para o topo os que mais rapidamente se transformam em psicopatas ou sociopatas. O resultado, como hoje sabemos melhor que ontem, é fatal para as próprias organizações.

<http://www.ladroesdebicicletas.blogspot.pt/>